

ENTREVISTA / INTERVIEW

Conversas sobre o PPGH-PUCRS – 40 anos (1973-2013)

Conversaciones sobre PPGH-PUCRS – 40 años (1973-2013)

Conversations about the PPGH-PUCRS – 40 years (1973-2013)

Edição sobre as entrevistas com / *Edition on interviews with*

Arno Alvarez Kern, Núncia Constantino, Ruth Chittó Gauer, Helder Gordim da Silveira, Jurandir Malerba, Jorge Audy, Luciano Aronne de Abreu, Marçal Menezes Paredes, René Gertz, Maria Lúcia Bastos Kern, Sandra Brancato, Earle Macarthy e (and) Charles Monteiro.

Maria Cristina dos Santos*

Neste segundo número do volume 39 da revista *Estudos Ibero-Americanos*, apresentamos a última parte do projeto das *Conversas sobre o PPGH*. Essas *Conversas* foram realizadas ao longo do de 2013, em comemoração aos quarenta anos do Programa de Pós-Graduação em História da PUCRS. Foi seguindo um roteiro básico para as entrevistas, buscando abarcar um leque de temas. No primeiro número enfatizamos a criação do Programa, os processos de credenciamento e reconhecimentos, a visão dos gestores da Universidade e a formação do pesquisador de História. Para este segundo número, destacamos o processo de consolidação do Programa, alguns desafios da Área de História com o crescimento da pós-graduação no Brasil tais como; os riscos e as vantagens do crescimento do número de titulados e a forma como a Área de Humanas encara aspectos como tecnologia, inovação e empreendedorismo. Por fim, apresentamos alguns fragmentos dos depoimentos de coordenadores do Programa, da atuação da Secretaria ao longo desse tempo, e alguns casos pitorescos ao longo dessa trajetória de quarenta anos de História. Cumpre salientar que os depoimentos completos, com as respectivas autorizações e transcrições estão sob a guarda do Laboratório de História Oral do PPGH e, como parte de seu acervo, estão disponíveis para consulta.

* Editora da revista *Estudos Ibero-Americanos*. Realização, transcrição e edição das entrevistas. Colaboração Mdo. Éverton Dalcin.

A consolidação

□ Na realidade eu acho que o contexto foi favorável. Porque não se pode fazer nada sozinho. Contexto favorável porque primeiro mudava a pós-graduação no Brasil, mudava a ideia do que era uma pós-graduação dentro da PUC e mudava a ideia dos meus próprios colegas sobre como as coisas deviam funcionar. Acho que isso foi extremamente importante. Eu tive que tomar uma posição na minha vida que foi a seguinte: eu tinha uma vida inteira dentro da Federal e lá eu não via que as coisas estivessem bem encaminhadas. Era outra proposta, outra solução, mas não era bem a minha. Enquanto que aqui, por exemplo, essa minha situação de ter um pé na Arqueologia e outro na História, era muito bem aceita; lá havia restrições sobre isso (...). E outra coisa que mudava também, a pró-reitoria de pesquisa e pós-graduação. Eu lembro que foi feito um documento, do pró-reitor da época, dizendo assim: não basta ser um bom cristão prá ser um bom professor dessa universidade marista, tem que ser um bom pesquisador. Então a ideia de que além da profissão de fê tinha que ter um *métier* e ser bom especialista na área, mostrava que as coisas estavam mudando (...). Quando veio aquele programa “Mil (Mestres e Doutores) para o ano 2000”. Aí abriu-se o céu e o sol brilhou de novo. Porque mesmo no nível do departamento, era muito complicado. Não havia nada que fosse proposto no departamento, que não era malvisto (...). Por outro lado, havia a necessidade de manter um arcabouço jurídico da coisa (...). E tive bons assessores, no caso o Braz, que tinha formação em Direito, como o Helder agora. Essa lógica ajuda muito a gente. Porque a gente podia discutir o aspecto acadêmico ou profissional da pesquisa, mas essa lógica da administração eu nunca tive (...). A Comissão de Coordenação, na época era formada pelos ex-coordenadores, então todo mundo já tinha passado pela experiência, já tinha sofrido bastante e trazia um somatório de colaborações. Eu tenho a impressão que quando se organizou a pós-graduação dessa maneira colegiada, tinha que ter Comissão das Bolsas, Comissão de Seleção, Comissão disso e daquilo. Essa organização colegiada ajudou muito. Porque todo mundo começava a participar de alguma maneira, tendo alguma atividade dentro do curso (...). Havia várias orientações na Universidade também é o mundo intelectual e que vivemos. Alguém que teve uma formação estruturalista sempre vai ter uma lógica estruturalista ou antropológica. Alguém que tem uma formação em história vai ter uma lógica de historiador funcionando. Você tem que aprender por essas diversas lógicas funcionando dentro de [um programa] pós e

não se digladiando dentro do Programa. Isso é bastante complicado, porque cada de um de nós faz um esforço muito grande para obter seus objetivos pessoais e tudo tem que conciliar com os objetivos dos outros. E, ao mesmo tempo, a gente tinha que pensar quais são os objetivos da equipe (...). E como fazer com que o time jogasse junto, apesar de ser tão variadas as orientações e as formações. Até que acabou dando certo. Acho que o momento foi favorável. Todo mundo se deu conta que nós precisávamos dessa coesão interna. Uma razão fundamental, eu acho, foi o início das reuniões de coordenadores no nível nacional. Porque aí começaram a aparecer preconceitos: ah, mas vocês só pensam em termos de regionalismo gaúcho. Ah, vocês são da PUC, são da Privada. Universidade privada é um horror. Preconceitos terríveis. Então a gente tinha que defender nossos interesses. Lá eu não era mais o professor Arno. Algumas vezes, na discussão, eu estava defendendo a PUC, sem ter nada que ver a ordem que mantém a PUC. Então, você tinha que, no nível nacional ou no regional ou dentro da Instituição, na Universidade, ou dentro do departamento, tinham discussões. Isso era bastante complicado. Então havia a necessidade da gente tivesse segurança sobre aquilo que a gente achava que era certo (...). Mas houve um contexto favorável porque não só a história mudava no nível nacional, no nível internacional e mudou muito dentro do departamento de história aqui dentro também. No final, quando a maioria já tinha mestrado e doutorado, a sintonia de vozes começou a acontecer. Todo mundo começou a entender do que estava se falando (...). A sorte nossa é que a avaliação foi cada vez mais objetiva e mais exigente. Era quase um inimigo fora da trincheira nos desafiando. Então essa ideia de ter a avaliação, nos desafiando foi muito bom (...). Então quando as pessoas começaram a entender que a nossa forma de organização interna era importante e que essa avaliação era dura ia continuar; então isso tudo pesou bastante. Mudou o clima e, ao mudar o clima, as coisas ficaram mais fáceis. Até o momento que as coisas começam a funcionar sozinhas e isso é muito bom. (Arno Alvarez Kern, 19/09/2014)

Sobre os riscos e vantagens do crescimento do número de titulados

❑ São muitos. Até por que o nível de exigência na graduação caiu muito. O mestrado é o que completa. Por enquanto, estamos dando conta do recado, talvez por isso nos queixamos da falta de tempo. Estamos em cima dos trabalhos dos pós-graduandos, estamos exigindo, cobrando,

cobrando prazos, exigindo redação, que é uma questão muito séria. Considero a escrita do nosso aluno de hoje talvez a questão mais séria. A formação dele não favorece escrever bem, conhecer a língua (...). E falta leitura. Então isso aí é uma coisa que a gente perde muito tempo corrigindo, mas nós, de uma forma geral, temos dado conta. Tenho participado de bancas fora daqui, e posso dizer que o nosso padrão é bom. Há aqueles casos que chamo patológicos, e que às vezes exigem mais tempo, com pedidos de licença, mas isso aí não é o geral, são as exceções. Nós temos uma produção muito boa e se a produção é boa e farta, tem muito a ver com o empenho que os professores têm demonstrado aqui dentro. Porque estamos numa instituição privada, precisamos mostrar serviço, nós temos um controle eficiente sobre aquilo que fazemos. Não temos um concurso que vai nos dar estabilidade para o resto da vida, somos avaliados ano por ano por aquilo que fazemos. E isso reflete na produção. Agora não sei onde vamos chegar. Já tem muito doutor desempregado, já tem muito doutor que está fora do mercado. Nos últimos três, quatro anos surgiram muitas universidades, públicas e privadas, e algumas com poucas condições de funcionamento. Há pouco tive ocasião de ver *in loco* uma situação dessas, uma pobreza de biblioteca, pobreza na titulação dos professores. E muitas universidades do interior têm instituído programas de doutorado. (Núncia M. S. Constantino, 08/04/2013)

□ Quando eu cheguei em Coimbra o tempo de lá era o mesmo tempo daqui. Um tempo desacelerado, quando se supunha que o pesquisador devia ver todas as fontes, esgotar tudo, como se as fontes contassem toda a história. Nos últimos dezoito anos isso veio acelerando, houve uma reorganização da pós-graduação no Brasil e nós entramos nessa. Olha o ônus e o bônus disso: o bônus é que nós estamos formando uma geração que não se forma mais só com um curso superior. Até porque os cursos superiores no Brasil tiveram um esvaziamento significativo, porque houve mudanças curriculares significativas. Na minha época de graduação, a gente lia um semestre inteiro, só Max Weber, ou só Marx, ou só Durkheim. Então a gente tinha que ficar lendo a obra toda a que tu pudesse. (...)Essa formação de base dos clássicos, isso o aluno de graduação já não tem. Então quando eles chegam na pós-graduação, a gente tem que acelerar para que eles tenham uma base de formação, ao mesmo tempo em que eles têm que continuar a trabalhar na pesquisa. Isso implica, no meu entender, que uma dissertação de mestrado, por exemplo, já não é tudo aquilo (...). Por exemplo, uma tese clássica

de Coimbra tem 700 páginas. Uma loucura! Isso não quer dizer que seja uma boa tese, (...). Isso é o resultado, isso é o ônus da formação. As pessoas nem sempre saem do mestrado com uma formação mais adequada, nem sempre chegam com um objeto bem circunscrito, nem levantam hipóteses adequadas. Mas, por outro lado, o bônus é que está se formando uma geração que tem, pelo menos, uma experiência em pesquisa. Que isso era raro no Brasil (...). Mas eu acho que tem saído boas teses. Mas como tudo é só bom, tem o ônus de algumas teses nem tão interessantes (...). Agora eu tenho participado de bancas na USP, no Paraná, em Santa Catarina, ou mesmo aqui no RS, no Recife, e mesmo em Coimbra; já não há mais aquelas teses. A Europa entrou nessa aceleração com a Convenção de Bolonha (...). Tanto que os discursos dos professores de Coimbra, de Lisboa e também da Espanha, são muito parecidos: acabou a pesquisa, porque não há tempo hábil para aquela pesquisa de fôlego. Mas me parece, pelas bancas que eu tenho participado, ou Júri, como dizem em Portugal (...), as teses são consistentes, mas a fundamentação da pesquisa, é bem menor do que aquela fundamentação que eu precisei fazer quando fiz minha tese. Por outro lado, hoje em dia a quantidade de informação, de leitura, de bibliografia que os alunos têm que ter, é muito maior, porque tem saído muita coisa também. Isso não significa que essa quantidade de informação tenha uma qualidade teórica, mas eles têm que dar conta de uma quantidade enorme de coisas. (Ruth Gauer, 09/09/2013)

❑ Eu não sei se a gente tem mercado real para absorver essa quantidade de titulados. Não só quantitativamente. Porque quantitativamente a gente até pode, eventualmente, ter mercado. Mas a pergunta é: será que essa formação que a gente está dando atende ao mercado? Por exemplo, Mestrado, hoje em dia, para que serve? Serve para ir dar aula em colégio! Será que o nosso Mestrado está formando gente para isso? Será que o nosso aluno será um melhor professor de escola? Não é só a inadequação quantitativa. Tudo bem no nosso tempo, Mestrado já era dar aula na Universidade. Mas hoje? Será que o tipo de pesquisa de ponta que a gente desenvolve aqui é adequado para os fins de hoje. Ou então a gente cai no outro lado. Para que serve um Mestrado? Para fazer Doutorado. Quando não deveria ser assim. Tenho dúvidas sobre a nossa adequação. (Helder Gordim da Silveira, 20/05/2013)

❑ Eu acho que isso é uma tendência da Área. Acho que a gente ganharia em qualidade se tivesse condições de ter um corpo docente um

pouquinho maior, prá a gente orientar um número menor de pessoas, com mais atenção. Mas não é nenhum absurdo também. É puxado, exige demais, mas é a tendência na Área inteira. Todos os Programas estão produzindo em série, com essas exigências da CAPES de cobrar tempo de titulação. É um esquema que daria pauta para outra entrevista, sobre a concordância ou não com esse esquema. Mas é uma questão que ultrapassa a nossa alçada (...). Diz respeito às políticas educacionais de ensino superior da pós-graduação no país. É uma questão que foge a nossa capacidade de resolver internamente. Acho que esse sistema da Pós-Graduação, pode ser uma impressão equivocada, ele está caminhando para chegar no seu limite de saturação. Eu acho que ele tende a entrar em crise na próxima década. Isso por causa desses vícios todos que a gente vê. A pessoa vai procurar uma formação de pós-graduação não para se capacitar na área, mas como meio de sobreviver. Então o estudante de História, como a profissão é mal remunerada no mercado, então o cara vai fazer um mestrado, um doutorado. Então vai chegar a hora, que vai estar saturado, não só de doutores em história, mas de doutores em geral. Se não houver uma política pública de incorporação, como uma revolução da Coreia do Sul, de exigir capacitação para aqueles que estão na base, no ensino fundamental e médio, e dar remuneração adequada para isso, a tendência é a coisa ficar muito complicada, não só para nós da educação, mas para o país como um todo. (Jurandir Malerba, 17/09/2013)

□ Do lado positivo, sem dúvida, demonstra uma dinâmica científica da academia brasileira muito importante. Hoje nós estamos formando mais trinta e cinco mil Mestres/Ano e mais de doze mil Doutores/Ano. Esse é o patamar de formação que nós temos hoje no Brasil. Então por um lado, é muito positivo, temos uma dinâmica de formação e de titulação muito grande. O lado negativo desta mesma moeda, é que não é tão grande assim. Na realidade, nós titulamos Mestres e Doutores muito abaixo do que deveríamos. Se nós considerarmos como um país com duzentos milhões de habitantes, nós formamos muito pouca gente. Nós temos indicadores de números de Doutores formados por mil/habitantes que é ridículo se comparado com os índices dos grandes países centrais do mundo, que é a pretensão que temos como Brasil, de sermos um dos grandes países do mundo. Mas estamos muito longe disso ainda. Se olharmos para o PNE – Plano Nacional de Educação/2011-2020 – as metas aprovadas pelo PNE, é de chegarmos em 2020, creio, na faixa de vinte e cinco mil Doutores e sessenta mil Mestres. Significa dobrar a

formação de Mestres e Doutores, agora num período de sete anos. Sete anos não é tanto assim, considerando que um Doutor leva de quatro a cinco anos para obter a titulação. É uma meta extremamente ambiciosa. E mesmo dobrando, nós ainda vamos estar muito longe de países como Estados Unidos, Alemanha, Japão, França, Inglaterra. São esses países que, literalmente, lideram o processo de desenvolvimento mundial; e é o grupo de países que o Brasil tem a pretensão e o legítimo direito de fazer parte, pela projeção que temos, pelo tamanho de nossa economia; pois estamos no grupo das dez maiores economias do mundo. Temos muito que crescer ainda. Então essa análise do número de doutores e do número de mestres ela tem esses dois lados: quantitativamente parecem muitos, mas proporcionalmente são muito poucos, ainda para o que a gente precisa para ser um país com um grau de equidade, com um grau de desenvolvimento melhor distribuído. Não basta analisarmos a situação de São Paulo, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Paraná. O Brasil é muito mais do que isso. Então eu acredito que nós formamos sim, muitos doutores e mestres. Termos atingido essas marcas de doze mil doutores, mais de trinta mil mestres foi uma conquista muito importante. Elas mostram do ponto de vista quantitativo, em números absolutos mostra uma situação relevante, mas do ponto de vista relativo, se nós considerarmos o tamanho do Brasil, nós estamos formando muito poucos doutores ainda. Nós temos um desafio enorme como sociedade. Um desafio de não só duplicar, como diz no PNE, mas triplicar ou quadruplicar e o grande desafio é fazer isso em uma ou duas gerações, no máximo. Multiplicar e distribuir! Mas primeiro temos que crescer, senão não há o que distribuir. Não tenho o número preciso, mas creio que o Brasil tem um e meio doutores por mil habitantes, enquanto outros países têm o índice de sete ou oito doutores por mil habitantes. Países com uma população muito menor do que a nossa. Por isso essa análise tem que ser feita pelos números absolutos, mas também dos números relativos. Quando a gente olha os números relativos, os percentuais, a situação brasileira beira a vergonha. (Jorge L. N. Audy, 26/04/2013)

Tecnologia e Inovação na área de Humanas

□ Eu vejo que em todos os sentidos e com todos os órgãos de apoio estamos ficando numa posição inferior e quanto a isso não tem dúvida alguma; hoje em dia a gente nem discute mais o assunto. O governo tem como objetivo federal, estadual, municipal, promover áreas tecnológicas,

porque nessas áreas, temos um pouco de bom senso para reconhecer, nós estávamos mais atrasados. Realmente nas áreas das humanísticas sempre tivemos um desempenho razoável. É mais fácil montar cursos nessas áreas: precisa ter uma boa biblioteca, quadro negro, giz, bons professores. Os recursos financeiros que são mobilizados para áreas tecnológicas custaram a chegar e realmente o nosso atraso é terrível. Mesmo assim, não sei se concorda comigo, mas as pessoas gostam e procuram aprender História. (...) Há um interesse por disciplinas humanísticas, especialmente por História. Outra coisa: na sala de aula da graduação hoje temos desembargadores aposentados, médicos, engenheiros, jornalistas, enfim pessoas que gostam de História. Digamos que a gente tem uma vantagem, a História é fascinante. Conhecer o passado, saber por que estamos aqui e como chegamos, por que isso funciona assim ou assado, é uma curiosidade humana. Independente do indivíduo dedicar-se à matemática ou à biologia, ele vai gostar de saber quem foram os biólogos que vieram antes dele, quem descobriu e como descobriu todas as equações que hoje ele domina. Isso é História. (...) Está havendo uma consciência da necessidade de humanizar o conhecimento. E a história humaniza e é mais compreensível, é mais fácil. Contar uma história, narrar um acontecimento, reproduzir uma história contada, é fácil e faz parte do nosso crescimento intelectual, desde que estamos no berço. Filosofia, por exemplo, já é muito mais complicado, exige outros pré-requisitos. As pessoas gostam de História. Mas, tanto que, nos anos oitenta, fizeram uma enquete na França (... que) indagava porque as crianças não estão mais gostando tanto de História. Importantes historiadores entrevistados respondiam que nós não estamos ensinando mais História, narrativas do passado. Estamos trabalhando muito mais com abstrações, com ideologias, nós estávamos deixando de contar a História. (Núncia Constantino, 08/04/2013)

□ A gente muitas vezes tende a ver isso como coisas que escapam ao nosso universo, mas eu acho que não. Eu acho que, por várias questões, por várias razões, uma delas porque tem tecnologias que são inerentes em todas as áreas. Mas as próprias mudanças no campo da história, nos últimos tempos, em vários sentidos, mas em termos metodológicos, por exemplo, nos permitiram e nos permitem trabalhar com tecnologias que facilitam muito as coisas para a gente. Quem trabalha hoje com prosopografia, por exemplo, vai para um banco de dados. É uma coisa que há alguns anos atrás não passava certamente pela cabeça da grande maioria dos historiadores. Quer dizer, eu vou lançar os meus dados num

banco e vou fazer cruzamentos estatísticos ou outros cruzamentos. A própria questão da internet, uma discussão ampla entre os historiadores hoje, como eu uso estas novas fontes! Mas são ferramentas que estão aí e facilitam, sem dúvidas, muito a nossa vida. Então, quer dizer que esta coisa da tecnologia, eu acho que a gente precisa aprender a trabalhar melhor, não tenho dúvida disso. Historiador trabalha com fonte, trabalha com arquivo, ok! Mas eu tenho muitas outras maneiras, também, de acessar estas fontes e muitas outras fontes que eu possa acessar e que talvez não esteja trabalhando, ou recursos e tecnologias que a gente possa usar metodologicamente, são coisas que não são excludentes. A gente é que precisa, talvez, romper um pouquinho com esta resistência que a gente tem como se fossem coisas antagônicas (Luciano Aronne de Abreu, 29/04/2013).

❑ Eu acho que esse não é o nosso desafio. Absolutamente não. Eu acho que é interessante para outras áreas voltadas para o mercado, mas a nossa área é basicamente humanista. Nosso grande desafio é ao contrário! A pauta política que a gente tem que estabelecer é: favorecer e fazer a sociedade reconhecer a importância das Humanidades, da História claro, mas das outras Humanidades também, para o processo de formação dos estudantes. Desde o ensino básico- fundamental e médio. Porque o que a gente está assistindo nessas Reformas constantes, é o expurgo das disciplinas de humanas dos *currícula* de formação básica. Então daqui a pouco, a gente vai formar historiadores, filósofos, antropólogos para trabalhar onde? Sobretudo os que se formam nas licenciaturas. Algumas áreas foram privilegiadas, como as Letras, as Matemáticas, o que é importante, sem dúvida, mas isso aconteceu em detrimento da área de Humanas. O que não é bom para ninguém! O ser humano tem que manter sua capacidade crítica, que se constrói só com uma formação humanística com lastro. Mas isso também é uma questão de política educacional pública. Então eu acho que se nós das Humanas, formos buscar só ciência, inovação e tecnologia; nós vamos errar o caminho. Acho que tem que brigar pelo básico! (Jurandir Malerba, 17/09/2013).

❑ Se for para se engajar tem saber o jeito de fazer isso. Porque todo o discurso de pós-graduação e de Pesquisa está fundado nas ciências ditas exatas. Todo, todo o discurso, então o desafio para Humanas é a gente saber onde é que a gente entra nesse negócio. Vou te dar um exemplo: *Linha de Pesquisa*. Isso é uma linguagem da Física, da Biologia. Mas a gente tem Linha de Pesquisa? A Área não parou para discutir o que

é Linha de Pesquisa. Mesmo o que a gente chama de *Laboratório*. O que para nós é um Laboratório? A palavra é a mesma, mas o conceito tem que ser completamente diferente. Então toda essa linguagem que está vindo junto com pesquisa é típica da área médica, da saúde e das exatas. Essa discussão sempre volta lá nos Fóruns de Coordenadores. A gente não pode assumir, sem parar para pensar, como é que nós entendemos e entramos nesse negócio. (...) Não tenho dúvida, o *Qualis Periódicos* segue a mesma estrutura. Os critérios de escolha, como Fator de Impacto, mortalidade, não têm muito sentido para nós. Ou deve ter, mas, de um jeito diferente que nem nós sabemos ainda. (...) São conceitos de outra área que a gente adota como palavra, mas ainda não descobrimos como se mexer dentro disso. Aquele negócio de fator de mortalidade. Para nós não tem! Um texto do século V antes de Cristo, talvez esteja mais vivo que um texto de ontem para nós enquanto Área de Humanas. Área de concentração, Linha de Pesquisa, será que a gente tem mesmo isso? A nossa tradição é de estudo individual. Montar um Grupo de Pesquisa, mas até que ponto isso funciona? A Tânia De Luca falou numa das reuniões de Coordenadores: “a nossa tradição é conceder autonomia”. Nós ficamos felizes quando nosso aluno apresenta uma coisa completamente diferente da nossa. Bah; olha só! O guri se criou! É tipo Sandra comigo. Vou voltar para a Sandra comigo. Um cara de base materialista, marxista, uma coisa que a Sandra detestava. Eu que sou uma cria da Sandra com um tipo de trabalho completamente diferente do que ela fazia. É assim na nossa Área. Quando é que a gente fica feliz? Quando o cara faz uma pesquisa que tu diz: isso aí é dele! A nossa área ainda é muito autoral. Acho que todas as Humanas são. Então ou a gente reposiciona isso nesse novo cenário, ou então, ôpa! O que é Linha de Pesquisa? A gente pode até inventar que tem, porque o que temos são temáticas comuns. Junção de temáticas. E põe grandes temas, nisso. Tudo é muito amplo. Mas Linha, como seriam os isótopos de não sei das quantas, e ali dez pessoas fazem aquilo ali, os dez assinam o mesmo artigo. Para eles isso faz sentido. Imagina aqui, dez assinando o mesmo artigo! Para nós é falcatrua! Podem dizer, é preconceito da Área! Não! É *particularidade da área*. Eu que já transitei pelas Engenharias posso perceber melhor esse contraste. Nós somos uma coisa completamente diferente (...). É evidente que nós temos as nossas inovações, mas elas não tiram a nossa essência. Portal de Periódicos, arquivos digitalizados. Hoje, a gente pode fazer pesquisa no mundo inteiro, quase sem sair de casa (...). Mas do que adianta estar disponível se o cara não sabe pesquisar? Claro que é diferente! Ou seja, a essência

ainda é artesanal. E acho que isso nós temos que reafirmar que é bom, porque é a peculiaridade da Área. É preciso saber ler isso como Área. (Helder Gordim da Silveira, 20/05/2013)

□ Apesar de ser da área de Tecnologia, eu não tenho uma percepção de que hoje tudo é Tecnologia, tudo é Inovação. Eu acredito que, ao longo do tempo, se a gente olhar nas últimas décadas, a gente vai tendo ciclos de Áreas que, por um momento, por uma razão ou por outra, seja por políticas públicas, sejam por questões conjunturais, surgem demandas mais fortes da sociedade, às vezes até para equilibrar a dinâmica nacional de formação tanto na Graduação quanto na Pós, e assim por diante. Nós vivemos sim, hoje, uma demanda por parte da sociedade muito forte, das áreas tecnológicas. Mas essa demanda é decorrência de uma carência enorme de profissionais. Tanto de profissionais para atuarem no mercado, nessas áreas tecnológicas, quanto profissionais na área acadêmica, pesquisadores, doutores com produção. Então eu não vejo como agora é só isso e não importa o resto. Não! É um processo que vai, ao longo do tempo, tendo áreas que emergem, por demandas da sociedade, por características próprias, por uma série de fatores, daqui a pouco elas terão menor predominância frente a outras Áreas. É como se fossem ondas no mar, vão se sucedendo ao longo do tempo. Isso do ponto de vista [da visão] das áreas tecnológicas para o Brasil, numa fase de crescimento econômico, como há muito tempo não se tinha. Um país que demanda uma formação de pessoal técnico muito grande para as oportunidades do mercado de trabalho oferecidas. Mas, se nós olharmos Inovação, não só na dimensão de inovação tecnológica, mas a Inovação enquanto processo de incorporação do ‘novo’, da transformação, das mudanças das sociedades, alicerçadas em novas possibilidades, tecnologias, pode ser uma tecnologia social, não precisa ser uma tecnologia da área de Informática ou da Computação. Isso eu acho que perpassa todas as Áreas, não tenho dúvida que na área História também. Então, não tenho uma visão de um determinismo e não diferencio tanto assim de que a Inovação tenha a ver só com áreas tecnológicas. Ela tem, enquanto área, um momento histórico importante no Brasil uma demanda da sociedade importante, como não ocorria há muitas décadas. Agora, Inovação enquanto sua atuação transversal, enquanto a introdução do ‘novo’, os processos de mudança na sociedade, estabelecimento de novos paradigmas, isso afeta todas as Áreas *indistintamente*, seja nas Humanidades, nas Sociais Aplicadas, na Saúde e Biológicas e Técnicas e Científicas (...) na dimensão transversal da

tecnologia. Porque tem uma dimensão vertical, que é da própria área, e tem essa dimensão transversal (...). Queres uma mudança mais violenta e profunda que ocorreu na ciência brasileira que o Portal de Periódicos? Na minha época, me recordo quando eu fazia o Mestrado na UFRGS, fazer pesquisa bibliográfica era a gente pegar um ônibus ir para São Paulo, chegando lá, pegar outro ônibus para ir até a USP, ficar enterrado [esse é o termo] na biblioteca da USP por dois ou três dias coletando coisas, fazendo Xerox, rabiscando algumas coisas. Na época tinha coisa que podia fazer cópia outras que não podiam. Tinha coisas que a gente copiava, outras que rabiscava, escrevia; depois de três dias tu voltava, morto de cansado. Isso era fazer uma revisão bibliográfica profunda [risos]. A gente saía da biblioteca UFRGS e ia para a biblioteca da USP. Hoje o Portal de Periódicos nos coloca o conhecimento do mundo na ponta dos dedos. As principais Revistas, as principais publicações estão lá, e às vezes a gente nem se dá conta. Mas dá para imaginar fazer ciência hoje no Brasil sem o Portal de Periódicos? Não dá! Aquilo ali é tecnologia pura aplicada. Uma inovação fantástica do ponto de vista de como socializar o acesso à informação qualificada indexada internacionalmente. (Jorge Audy, 26/04/2013)

Desafios de hoje e para amanhã

❑ O que é que acontece? Esses Programas ainda estão sendo movidos um pouco pelo idealismo dos fundadores. Na medida em que esses primeiros professores desaparecem, a segunda geração também vai ficando mais fraca. Aí eu tenho medo, tenho medo que as coisas possam desandar. Acho que o Programa de História deu uma contribuição muito importante, não só para o Rio Grande do Sul, mas para o Brasil. Porque vocês também desenvolveram Mestrados com outras instituições, fora do RS, com apoio da Capes. Agora estão em Rondônia, mas primeiro foi com Minas Gerais, depois Cruz Alta. Em Cruz Alta eu até fui dar a aula inaugural. Esses Programas interinstitucionais simbolizam a multiplicação da formação qualificada. (Urbano Zilles, 03/04/2013)

❑ A academia brasileira é muito cheia de vícios por um lado e, por outro, ela é muito pungente. Ela se transformou qualitativa e quantitativamente de forma muito intensa nos últimos dez, quinze anos. Principalmente na última década houve um “boom” historiográfico, então ela está se profissionalizando, mas ainda tem muitos vícios de relação de poder, paroquiais que penetram nas agências de fomento, no

sistema de pós-graduação, cuja tendência é desaparecer aos poucos. Por exemplo, eu tive bolsa de produtividade pesquisa do CNPq só muito recentemente. Foi muito difícil entrar nesse sistema. Esse sistema devia ser mais democratizado, porque tem muita gente boa que está fora dele. Independentemente disso eu sempre fiz as minhas coisas, meio levando no peito. Nunca deixei de correr atrás de publicação, de participar em eventos tanto no Brasil quanto no exterior. Fui correndo atrás pelas próprias pernas. Mas acho que a Área em si, merece uma profissionalização maior, e acho que a gente caminha para isso. (Jurandir Malerba, 17/09/2013)

❑ O grande nó é como lidar pessoas com os interesses individuais. Sempre temos que lidar com isso. É que as pessoas têm seus próprios interesses, suas próprias relações, que nem sempre combinam umas com as outras, e que se ficar ao critério individual, nem sempre o resultado será o melhor para o Curso. Definir o que se constitui numa prioridade, definir quais são as metas do Programa, da Instituição, em que se deve investir, definir isso de maneira conjunta de maneira que seja o melhor para o Programa mas ao mesmo tempo que não prejudique os interesses individuais é o grande nó da coisa. O nível de excelência que se atingiu hoje exige essa abertura. Manter a internacionalização que já temos, mas definir prá que lado se deve buscar essa manutenção e de que forma; é complicado. Não adianta ir para um Congresso Internacional, se isso não rendeu nada institucionalmente. Tentar conciliar esses interesses é o grande desafio. (Luciano Aronne de Abreu, 29/04/2013)

❑ A CAPES acenou com isso algum tempo atrás (...) quando o Janine fez aquela famosa frase: “a Pós-Graduação não pode ser uma fábrica de *papers*.” Ou seja, a Pós-Graduação é para a formação de recursos humanos (...). Acho que o desafio talvez seja isso, o que a gente quer da Pós-Graduação no Brasil? Será que é essa produção hiper de ponta, que tem de ser, é uma exigência. Olha só a Argentina: já tem três Nobel [e um Papa] e nós não temos nenhum. Está três a zero e um Papa para eles. (risos). Então isso é uma preocupação legítima, mas será que a pós-graduação é só para isso, ou ela é para a formação de quadros, e se é quadros para quê? Para a própria universidade, para o ensino fundamental e como se dá isso nas diferentes Áreas. Não sei dizer como está esta discussão em cada Área, mas sei que isso nos pega muito. O que nós estamos fazendo aqui? Se é para fazer dez artigos por ano, então me sento e não vou mais dar aula, nem nada. Ou é para formar quadros,

atender todos aqueles campos do Coleta, sabe? Inserção social, relação com a graduação, nucleação; tudo dentro do espírito da universidade que ensino, pesquisa e extensão. Isso vale para a pós-graduação, também? Não sei a Área tem clareza disso. Se não pode ser só uma fábrica de *papers*, como são avaliadas essas outras questões? Como remeter essas outras dimensões na pós-graduação. No fundo, voltamos ao princípio, onde nossos alunos estão indo? Se eles estão indo para escola, nós temos que pensar nisso! Ou vamos nos sentar, fazer nossos artigos, ir para os nossos Congressos, pegar só os top de linha e fazer só boas teses, boas dissertações e deu! É óbvio que isso tem que ser, mas tem que ser *também*, por isso é pós-graduação. Enfim... Senão também nos matam. Porque essa indefinição sobre o que é e para que serve a pós-graduação brasileira acaba rebentando na nossa Área. (Helder Gordim da Silveira, 20/05/2013)

Com a palavra, os Coordenadores¹

RENÉ ERNAINI GERTZ (1983-86)

□ Eu fui coordenador de 1983 a 1986. Nestes quatro anos acho que posso dizer que a minha coordenação foi relativamente tranquila. Porque nós tínhamos dentro desse processo de credenciamento, nós tínhamos obtido estávamos obtendo o credenciamento, naquela época não se tinha a preocupação de ganhar cinco, seis ou sete, era manter o credenciamento. Então não tinha esse stress. Não lembro nem se naquela época já tinha a classificação. Eu acho que era: credenciado e recredenciado. Depois de três ou quatro anos, não sei quanto tempo era na época, mas havia um período de credenciamento. Naquela época, normalmente vinha uma visita, uma comissão, além dos relatórios que a gente mandava no DATA-CAPES, enfim. Normalmente vinha, isso eu acho que foi até os anos 90, vinha uma comissão de verificação. Nós sempre nos saímos bem, as pessoas inclusive sempre diziam, olha as instalações de vocês, sobretudo quando nós viemos aqui para o prédio

¹ Constam somente os depoimentos daqueles Coordenadores que se dispuseram a conceder entrevista. Conforme levantamento, os seguintes professores ocuparam o cargo da Coordenação: Olivio Manfroi (1977-79); Luiza Helena Schmidt Kliemann (1980-82); René Ernaini Gertz (1983-86); Earle Diniz Macarthy Moreira (1987); Braz Augusto Aquino Brancato (1988); Earle D. Macarthy Moreira (1989 – Substituto); Braz A. A. Brancato (1990); Maria Lúcia Bastos Kern (1990-92); Artur César Isaia (1993); Klaus Hilbert (1994/ Ago-1996); Arno Alvarez Kern (Ago 1996/2003); Klaus Hilbert (2004); Arno Alvarez Kern (2005); Helder V. Gordim da Silveira (Dez-2005/Ago-2010); Charles Monteiro (Ago/2010 -2012); Helder V. Gordim da Silveira (2013 ...).

três, onde tinha sala individual para todos os professores, olha isso não acontece em nenhum outro curso de história de pós-graduação do Brasil, as pessoas têm salas coletivas e vocês têm sala individual. Tem dois andares. Enfim, faziam algumas entrevistas com alguns alunos. No meu tempo, a rigor, foi tranquilo. Nós fomos constituindo um corpo docente, digamos assim, consolidando este corpo docente local. Claro que tiveram alguns incidentes nesse processo, mais de uma maneira geral o meu tempo foi muito tranquilo, eu acho que também era uma característica, que é até hoje de alguma forma, do nosso curso. Apesar das diferenças entre as pessoas, que vão desde diferenças teóricas, metodológicas, há também diferenças estritamente de caráter pessoal. Mas óbvio que tem pessoas que tem mais simpatia recíproca e tem pessoas que não. Nós nunca tivemos grandes conflitos. Não é coisa do passado, nós tivemos situações até recentemente, de cursos que de repente racham ao meio e forma uma segunda linha, até um segundo curso. E aqui, apesar das diferenças, tivemos alguns momentos de tensão significativa, mas mesmo isto eu diria assim: As maçãs podres tendiam a ir embora. Então no meu tempo, uma das coisas que eu tenho muito tranquilo é que quando terminaram os meus quatro anos, o curso estava bem tranquilo em termos de grupo, não havia grandes conflitos, não havia cisões. Eu estou muito tranquilo olhando retrospectivamente para o meu curso. Acho que se manteve, com alguns incidentes, mas se manteve. Até hoje a gente tá bem neste sentido, não é? [Depois] em 1987, quem me sucedeu foi o professor Macarthy, agora eu estou me lembrando, porque o professor Macarthy inclusive fez uma brincadeira comigo. Até então, quando eu assumi, eu não encontrei um livro de atas das reuniões. Na época, inclusive no meu tempo, não teve nada de registro de decisões. Era um pouco o informalismo absoluto. E aí eu fiz, não sei se comprei ou pedi para a secretaria conseguir um caderno, destes cadernos pequenos, de armazém, e eu fazia anotações: Reunião do dia tal, porque tinha as assembleias gerais, plenárias de todos os professores, e eu tinha uma comissão coordenadora, apesar de que era muito pouco formalizada. O professor Planella, que inclusive não podia subir no prédio quinze, ele tinha problemas de coração, então o que eu fazia: Eu ia lá embaixo e dizia, tem tal problema, como nós vamos resolver? O que o senhor acha? E tal? (subia e descia). Então conversava com Arno que era outro membro da comissão coordenadora. E aí decidia. Mas plenárias tinham com alguma frequência, e daí sim eu fazia uma ata. E lembro que quando o professor Macarthy me sucedeu, um dia ele veio a minha sala e disse: olha René, tu vais me desculpar,

mas um caderno desses aí como ata não dá. Não se faz assim, além disso, a gente tem que fazer uma ata formal. Porque eu fazia: Reunião do dia tal: foram tratados os seguintes assuntos, pá, pá, pá (tópicos), item um, dois, três, as decisões e as conclusões, ficou em aberto para o futuro. Estiveram presentes, fulano, beltrano (listava os nomes). Diz ele: Não! Uma ata tem que ser aos tantos dias do mês ... na sala tal... até porque este negócio pode ter valor jurídico. Claro ele tava brincando comigo, mais dizendo, olha não vou continuar o teu caderno. Ele começou daí a fazer atas, mas o caderno foi arquivado, o caderno existe aqui no arquivo do curso. Depois do professor Macarthy, veio o professor Braz, mas o Braz não ficou muito tempo, depois veio a Maria Lucia e depois, enfim, já é a década de 1990 em que eu não me lembro bem a sucessão porque o Arno ficou várias vezes, mas ao menos duas vezes, no meio tempo o Klaus, enfim, e teve no meio tempo ainda uma pessoa que abandonou, que não está mais, não ficou muito tempo aqui como coordenador.

EARLE DINIZ MACARTHY MOREIRA (1987 e 1989)

□ A minha passagem na Coordenação foi rápida. Mas a PUCRS, naquele momento, não era nenhuma mina de ouro para os professores. Estava se construindo o campus, o Hospital estava engatilhado e tinha que sair para o curso de Medicina. Então a História da PUC é uma história de luta. Então várias personalidades, a começar pelo Ir. Otão, e outros que já foram mencionados. Uma pessoa e um Instituto da PUCRS, que o Programa do Pós de História se colava (não sei bem que termo dar para isso), mas o nosso Mestrado se ligava ao Instituto de Cultura Hispânica e o Ir. Dionísio. O Ir. Dionísio era doutor e era um homem de boa vontade, em certos aspectos, era meio folclórico. Mas a verdade é que, por meio do Instituto, vieram vários professores espanhóis titulados dar cursos aqui. O Paschoal Martínez Freire que era um sujeito brilhante. Então eu lembro perfeitamente, que o Paschoal deu um curso sobre Marxismo. Então o nosso Mestrado deve muito ao Instituto de Cultura Hispânica.

BRAZ AUGUSTO AQUINO BRANCATO (*in memorium*) (1988; 1990)

□ De certa maneira já se colocou. Mas eu acho que foi um papel fundamental. Foi o dínamo disso aqui. Aquele que apertou os parafusos ajustou as engrenagens e tocou prá frente. Com uma capacidade que só ele tinha, conseguiu uma penetração em diferentes áreas e com pessoas de nível altíssimo. Gente que nem sabia direito o que era o

Brasil e que ele conseguiu arrastar para cá. Era um homem participativo. Sempre teve uma capacidade de mobilização, de movimentação, de estar presente nos mais diferentes teatros, diria quase que do planeta, porque acho que ao Extremo-Oriente ele não chegou. (Earle Macarthy Moreira, 03/06/2013).

□ Agora eu acho justo também, já insisti mais de uma vez, com certeza o professor Braz era empreendedor, muito preocupado com o rumo das coisas, tinha bons contatos, mas ele tinha bons conselheiros também. Pessoas como o professor Macarthy que tinha muita experiência. Meu Deus do céu!!! Eles falavam muito naquele telefone. Eles falavam a tarde inteira aqui na PUC e depois, em casa, falavam mais não sei quantas horas. Então assim: ele teve méritos, com certeza, por ser um homem muito empreendedor, de muitas ideias, mas eu insisto nisso, se ele não tivesse contado com o apoio, a experiência dos outros, talvez ele morresse na praia. Porque lhe faltava os meios técnicos para conseguir determinadas coisas. Ele tinha acesso às pessoas que podiam decidir: ‘Ir. Otão, nós precisamos!’ ‘Irmão Elvo, o senhor vá falar com o Irmão Otão e diga isso, isso e isso’. ‘Dêem um jeito’. ‘Zilles, vamos lá’. Essas pessoas apoiavam as ideias que ele tinha. Não só ele, obviamente. Às vezes do contato entre as pessoas, as ideias vão evoluindo, pelo diálogo. Então eu acho que ele era bastante empreendedor, em todos os setores da vida, era a marca dele, mas no lado profissional, ele teve boas ideias, tomou várias iniciativas, mas elas morreriam na praia –insisto na expressão- se não tivesse a coisa institucionalizada, as pessoas com poder de mando que dissessem: ‘sim, vamos fazer’. Como é que vai se criar um [curso] pós-graduação, criar uma Revista, se o Reitor ou Pró-Reitor ou o Ir. Elvo, que circulava por todas essas áreas, não dessem uma força. (Sandra Brancato, 03/06/2013)

MARIA LÚCIA BASTOS KERN (1990-92)

□ Eu tenho a impressão que foi entre 1990 e 1992 que eu fui coordenadora, depois do Braz. Foi quando tinha sido criado aqui um doutorado, estávamos numa fase de credenciamento e reorganização do curso das linhas de pesquisa, eu acho que tu chegaste logo em seguida (...). Eu lembro que nós discutimos contigo lá na Espanha as questões das linhas de pesquisa. E o doutorado já tinha sido criado, já tinham alunos fazendo doutorado, que eram professores também, e então estava na hora de regulamentar o curso. Nós não tínhamos documentação interna a respeito do Doutorado. Então tivemos que fazer

toda uma revisão do mestrado, doutorado. Foi um período bem difícil de organização das linhas de pesquisa e de reuniões com professores que trabalhavam na CAPES, na área de História, para discutir como nós íamos organizar estas linhas de pesquisa. Então era um período bem rico, mas não foi fácil. Pois tinham limitações até mesmo aqui dentro, de ordem institucional e enfim. Lógico, sempre tentando adequar as linhas ao corpo docente, ao perfil do corpo docente, então até chegarmos a um denominador comum foi complicado. E nessa época, também, foi criada a especialização em Arqueologia, que depois acabou se tornando linha de pesquisa e ao mesmo tempo Mestrado e Doutorado dentro dessa linha de pesquisa. Foi uma questão bem importante.

ARNO ALVAREZ KERN (1996-2003 e 2005)

□ Nós tínhamos alguns desafios: o primeiro desafio tinha acabado a primazia do documento escrito, começava a se falar agora em testemunha oral, em cultura material, havia uma multiplicidade de possibilidades, o que nos obrigaram a criar diversos Laboratórios. Então a primeira coisa que a gente tentou fazer, que foi o mais antigo dos nossos centros de pesquisa, foi o de documentação escrita. [...] O de Cultura Material não era ligado ainda ao [Programa] Pós-Graduação, nem à História. A iniciativa da História foi criar um Centro de Documentação Escrita. Foi uma situação muito chata por que; primeiro tinha que bater em diversas portas da Instituição para criar um Laboratório. E a reação era sempre a mesma: mas vocês historiadores, precisam ter é biblioteca, prá que querem um centro de documentação? Essa foi a primeira dificuldade. A segunda dificuldade é que alguns colegas nossos, que trabalhavam na graduação, viam que os alunos se interessavam pelo assunto (...). Então nós iríamos raptar os alunos para a pós-graduação (...). Mas o mais importante é que era só o centro de documentação escrita, tinha que pensar num centro da cultura material, aí começamos a lançar os olhos para cima do CEPA. Tinha que haver um centro para os testemunhos orais e tinha que ter um centro para história da arte, de documentos visuais, etc. Tudo isso exigia montagem, além da pós-graduação, de uma parte de infraestrutura que a gente não tinha nada. E uma dificuldade porque sempre eles acharam que bastava ter livro na a biblioteca pra nós, que isso era suficiente. Então precisava romper com essa maneira tradicional de funcionar da história (...). Tanto assim, se veres as datas de fundação dos centros, foi um, depois outro. A gente foi ganhando cada batalha (...). Até mudar isso prá realmente e ficar marcado que o ensino, a pesquisa e a extensão tem que tocar tudo, tudo tem que

ser bem feito em termos qualitativos. Isso foi bastante complicado. Então essa foi uma primeira dificuldade, a infraestrutura para a pesquisa. Outra dificuldade era como é que nós pegávamos professores com formação tão variada e com especialidades tão variadas e montávamos um curso de pós-graduação que tivesse certa coesão na organização. Isso foi muito complicado. Porque naquela época, no nível nacional, recém começava a se definir o que era Linha de Pesquisa. Tinham reuniões inteiras na CAPES, sobre o que é Linha de Pesquisa. Ninguém sabia muito bem como montar uma pós-graduação. As primeiras pós-graduações, com exceção talvez, da Federal Fluminense, da USP e acho que Campinas, que estavam sendo montadas. Os exemplos que nós tínhamos também eram poucos. E não nos adiantava seguir um modelo de história nacional, nós achávamos que tinha que ser um modelo mais adaptado à nossa região, sem cair num regionalismo gaúcho. Talvez alguma coisa mais rioplatense; outra visão mais ligada à Argentina e ao Uruguai. Aí nós vimos nessa possibilidade uma chance de internacionalizar o curso sem transformá-lo num satélite gravitando em torno de uma grande estrela que é São Paulo, por exemplo. Curitiba se organizou assim, e outros seguiram o mesmo caminho. Eu me lembro de um colega de São Paulo que uma vez disse assim: mas vocês nunca passam por aqui! Onde é que vocês andam? Aí eu disse: nós andamos na Europa, na Espanha, na França, nós andamos na Argentina, no Uruguai, a gente circula em termos internacionais, nós não temos porque passar por São Paulo. Eles achavam que a gente tinha que gravitar na órbita deles também. Ah, vocês fazem história regional! Não! E não! A nossa história é internacional. E nós tentávamos justificar isso. Principalmente aqueles que trabalhavam com pré-história ou história colonial, onde os limites não eram os limites atuais: – Olha, esses limites nossos não existem no passado. Então é outro enfoque, outra perspectiva. Mas vender essa ideia também era complicado, porque a melhor maneira de organizar isso prá nós terminou dando certo, nessa síntese que nós fizemos. No final na avaliação, isso foi valorizado. Mas organizar tudo isso exigiu muita reunião e muita discussão (...). A nossa sorte é que foi um momento de muita mudança na Área da História. (...) Aí tudo começou a mudar e mudar prá melhor. Dentro daquela ótica que era a nossa aqui. Tivemos que esperar um pouco também, para que a ideia da pós-graduação se alterasse no Brasil e que o nosso pudesse ser aceito como um modelo viável, que não era aquela história nacional, modelo USP, que era sempre o que era seguido.

HELDER GORDIM DA SILVEIRA (2006/2010 e 2013)

☐ Foi no final de 2005, início de 2006. (...) Aí veio o convite e foi aquele susto, será que eu tenho condições de pegar esse negócio? Porque poxa vida, era o Arno! É verdade, suceder o Arno era difícil. Eu olhava para trás e quem é que coordenou isso aqui? Era o Arno! O Braz! O René! O Macarthy! (risos). O primeiro impacto foi esse. Depois foi encarar o negócio. Mas acho que quando eu entrei na Coordenação, estava se consolidando essa fase de transição, por um lado essa avaliação externa mais pesada, mais quantitativa e mais minuciosa, e, por outro, a PUC estava retomando o contato com os seus Pós Graduações. Porque cada um era uma ilha. Até então, antes de eu assumir, a política era entregar os Pós Graduações para gente com ultra iniciativa. O Braz uma vez usou a expressão: *arrancamos isso aqui, pelos cabelos!* Então, a Letras era para um lado e a História para outro. Dependendo dos proativos que estivessem no comando, e o professor Zilles coordenava, mas sem ter o controle de tudo. Então, acho que a PUC estava querendo ter o controle burocrático e administrativo dos Programas. E isso era uma mudança e tanto. Foi um choque cultural! (...) [Foram as Reformas Bourbônicas]. Exatamente! Foi essa fase do Professor Audy, naquele momento, após a ampla autonomia. Esse choque foi o mais difícil naquela primeira Coordenação. Porque o Programa era assim: a gente matriculava e diplomava tudo por aqui! O Diploma era aqui embaixo! Dá para entender? Por um lado era ultra positivo, mas por outro, criei coisas que eu tive, -tivemos- de alguma maneira, repensar como fazer para apresentar o nosso Programa: PUCRS, esse é o Programa de Pós-Graduação de História; Pós de História essa é a PUCRS! Aí veio aquela centralização com Manual (de Procedimentos e tudo). Aquilo foi uma quantidade de trabalho burocrático imenso que talvez a geração do Arno não tenha conhecido. Era uma geração com uma coordenação política e estratégica. Nesse período a Secretaria meio que resolvia essas coisas e era tudo muito autônomo. Acho que inserir o Programa no sistema PUCRS por um lado, foi um grande esforço e, por outro, inserir, adaptar o Programa nessa avaliação externa mais detalhista, mais minuciosa. Então eram duas demandas muito intensas, constantes e novas. Quer dizer, uma já vinha acontecendo, a avaliação externa; e fazer o Relatório Coleta do último ano do triênio entender a dinâmica, reunir as informações necessárias, foi pesado. Mas, no nível institucional, interno, era tudo novo e foi um choque. A PUCRS não tinha controle de matrícula, trancamento, cancelamento. Tudo éramos nós que fazíamos. Isso foi um desafio (...). E, depois, aquele processo

das aposentadorias, afastamentos que foi também bem pesado (...). Porque nesse processo, quebrou um pouco o que era o Programa de pós-graduação de História. Foi em 2008 que teve as aposentadorias, afastamentos, a morte do Braz, as contratações, tu estavas no pós-doutorado. Para usar um recurso futebolístico, mudou a fotografia do time! Ali foi pesado. Como reorientar a partir dali? (...) Bah, aquilo ali foi muito difícil, uma mudança pesada, Mudança de perfil do grupo, de perder sono mesmo. Mas acho que a gente saiu bem. Aquilo nos fortaleceu como grupo. As pessoas tiveram que conversar, se olhar no olho, assumir as suas diferenças. Isso acabou dando uma azeitada para a constituição de um novo grupo (...). Acho que eu e tu, a gente teve essa felicidade de captar o que nós realmente fazíamos e colocar isso como obra de conjunto. Acho que aquela repaginada no Relatório foi porque a gente captou o que estava acontecendo. Não que os anteriores não estivessem, tanto que chegou ao conceito cinco. Mas acho que a gente estava falando disso, não? Era o momento que a coisa estava se transformando, estava em transição o que estava sendo considerado na avaliação. E a gente soube captar essa mudança e soubemos relatar bem isso. Porque se faz muita, muita coisa aqui, em todos os campos. E uma coisa que eu digo sempre: não atrapalhar as pessoas, deixar as pessoas fazerem. Se tu me perguntasses o que fazes melhor como Coordenador? É não atrapalhar. Organizar as coisas, mas sem dar muita ordem, sem se meter, deixar as pessoas fazerem as coisas que sabem e que querem fazer (...). É esse é o espírito do negócio.

CHARLES MONTEIRO (2010/2012)

□ E chegou o momento, de repente, de assumir a coordenação do Programa. Não estava na minha pauta, naquele momento, assumir a coordenação (...). Fui coordenador da graduação nesse ínterim, tive a minha experiência administrativa na graduação e saí. Foi uma experiência muito boa de aprendizagem. Num determinado momento, a Faculdade e o Programa, precisaram que alguém, digamos assim, assumisse para ir mais um trecho. O pessoal que tinha trabalhado para dobrar o seis estava meio desgastado, ou outros estavam com outros projetos. E eu fui, digamos assim, indicado para essa atividade. E assumindo já um Programa que tinha passado de quatro para cinco e de cinco para seis! Então, em uma janela de uma década nós saímos da nota quatro e chegamos ao seis. E nós chegamos à elite da pós-graduação brasileira na nossa área de História. Estamos entre os seis programas mais bem avaliados do Brasil, com uma responsabilidade imensa. Então, a partir

daquele momento nós tivemos uma segunda avaliação seis e passamos a receber o apoio da CAPES através do PROEX e tinha que organizar isso aí! Foi um desafio muito grande para mim, porque a gente esta fechando uma avaliação, fechando um primeiro ano de avaliação, e tinha que organizar o PROEX. E aí foi muito trabalhoso, fomos a reuniões em Brasília, tivemos que fazer várias reuniões como o PRPPG, tivemos que organizar os colegas, uma COMCOR que trabalhou muito, também! Então a gente conseguiu organizar essa forma de como funcionar dentro das nossas características dos nossos programas. E isso tem impulsionado muito, permitiu que a gente reaparelhasse o programa, comprasse computadores para os alunos, foi possível reaparelhar os laboratórios, permitiu que a gente apoiasse os professores a irem a eventos internacionais, permitiu que a gente comesse a investir, também, na participação dos alunos em eventos nacionais e doutorandos em eventos internacionais, permitiu que a gente apoiasse também o processo de qualificação da nossa Revista que é uma das revistas mais antigas e mais bem qualificadas também (...). Então a gente tem muito orgulho do trabalho que foi feito ao longo desses anos. Tanto, os quase 600 mestres que a gente formou e cerca de 170 doutores. Quer dizer, a gente formou muita gente, muita gente que hoje está locada em muitas universidades estaduais, federais e particulares pelo Brasil, tem uma boa distribuição geográfica, gente ocupando posições muito significativas em várias instituições. Então o desafio era de manter isso aí! (...) Então quer dizer que a gente vem num crescimento, que é o desafio da gente manter.

Uma palavra pela Secretaria

Por motivos hierarquicamente compreensíveis, todas as tentativas de realizar entrevista com o pessoal da Secretaria foram fracassadas. Para compensar a frustração de conseguir acessar a versão local da “nossa história vista de baixo” apresentamos um dos depoimentos mais enfáticos sobre o papel desempenhado pela Secretaria ao longo de toda essa trajetória:

❑ Realmente, tenho certeza absoluta, que todo mundo que está aqui, das diferentes gerações, todo mundo trabalha muito e acho que isso deve ser enaltecido. E eu queria colocar em evidência, a importância de uma pessoa que eu noto desde antes de ser mestrando (...). Na época do mestrado, eu fui vice-presidente da antiga Associação de Pós-

Graduandos de História que tinha aqui. Eu organizei duas ou três edições da antiga revista *Histórica*, que hoje é a *Oficina do Historiador*, da qual eu sou também o editor, por outros caminhos, enfim. Mas todo mundo que passou aqui, desde a época do Braz, do Macarthy, do Moacyr Flores, enfim, ao Arno, ao René, a Ruth, a Núncia, todo mundo. Até agora, com o Charles e com o Helder, tem uma pessoa que segura isso aqui na raça. Essa pessoa é a Carla, a secretária do Programa é a alma disso aqui. Ela tem uma capacidade de organização, de planejamento e domínio da própria história do curso, e eu não sei se ela foi entrevistada, mas ela deve ser entrevistada, quero reivindicar isso! (...) Porque a Carla é espetacular, e eu duvido de que algum dos antigos coordenadores ou dos atuais, diga o contrário. A Carla é mais que a fiel escudeira, ela é a alma desse Programa! Ela coordena todos os alunos. Eu vejo agora, olhando como professor, os meus alunos, os meus orientandos de doutorado e de mestrado tem na Carla um porto seguro; ela é como psicóloga deles. A Carla é muito mais do que parece, ela é assistente social, ela é psicóloga, ela é a tradição do curso, porque ela tá aqui há anos não sei quanto tempo, mais de vinte anos. A Carla é tudo para esse Programa. Então, a Carla merece ter, numa sala que nem eu vi lá na UFRGS, com as fotos de todos os coordenadores do Programa, mas que junto dessas fotos, tenha também a foto da Carla! Porque ela é o fio condutor. Se fala muito, e eu gosto de falar sempre, das mudanças na história, mas também junto das mudanças tem as permanências na história. A Carla é a principal permanência, e a mais importante permanência desse Programa de Pós-Graduação. Queria deixar marcado isso, de tudo o que eu falei até agora, o mais importante é isso, é o papel que a Carla tem aqui no nosso Programa. (Marçal Menezes Paredes, 18/09/2013)

Algumas estórias de 40 Anos de História

□ Eu me lembro de uma falha minha, de que eu me sinto responsável até hoje. Quando assumi a coordenação, a minha antecessora, a professora *Luiza Kliemann*, tinha uma prática, que eu tinha vivido, porque já trabalhava há uns dois anos aqui. Então tinha acompanhado a coordenação dela, e a Luiza tinha uma prática de que toda a vez que um professor fazia aniversário, ela comprava um pedaço de bolo e arrumava um chá e café e fazia uma pequena festa de aniversário. E eu pedi para a Gládis, que era a secretária na época: faz uma lista dos aniversariantes, aí eu olhei o primeiro era eu, 10 de fevereiro, eu não ia fazer festa para mim, até porque era período de férias, não tinha ninguém por aqui.

E botei essa lista na gaveta da minha mesa, e pensei: vou cuidar. Lá pelo fim de maio, mais ou menos, eu olhei e naquela época tinha tido aniversário no dia 5 de maio do professor Arno Alvarez Kern, e eu não tinha nem dado os parabéns a ele, muito menos comprado um bolo e feito alguma coisa. Bom, não fiz também para os outros, que vieram depois na lista, e essa tradição, que era boa, caiu por terra (...). Depois, também, quando eu ganhei o meu primeiro computador na sala, veio uma senhora e tomou as medidas. Um tempo depois veio uma capinha, inclusive para o mouse, o mouse tinha uma capinha! E a gente tinha que, no fim do dia, botar a capinha para não entrar fuligem, pó... O mouse podia não funcionar no outro dia (risos). Quando começou a internet tinha um só um computador aqui. A gente tinha que discar para a UFRGS porque ele estava ligado ao CPD da UFRGS. Aí vinha aquele famoso barulho, e aí a gente podia mandar um e-mail. Para mandar outro, tinha que fazer tudo de novo. Era um inferno aquilo, a gente olhava os e-mails uma vez por semana, coisa do tipo, até porque tinha outras pessoas e era difícil conseguir horário (...). A coisa mais hilariante que eu vivi com o computador foi num determinado dia eu resolvi escrever. Eu ainda não tinha computador, mas tinha um ou dois aqui que a gente podia usar. Então eu reservei, eu quero digitar um texto. Aí veio a Rosana, que era a secretária, e me ensinou: olha tu tens que abrir uma coisa que se chama Word, aí tu clica e tal... E tu tens que dar um nome pra coisa. Tu fazes logo no início. Daí, depois, tu digita. Fiz isso, botei o título e fiquei a manhã toda, acho que das 10h até ao meio-dia, daí depois tu fecha. Clica aqui, (...) e eu fiz. Era a primeira vez, tinha ido bem devagar, tinha muitos erros, tinha que botar o cursor, aquela coisa que ela me ensinou, e quando no fim, eu acho que tinha três páginas escritas ali, eu cliquei em 'Fechar'. E aí abriu uma janelinha: 'você quer salvar as alterações?' Daí eu pensei, eu fiz 1500 alterações, porque eu quero salvar esta porcaria, não quero salvar alterações coisa nenhuma. Não! Duas horas da tarde eu voltei, abri o computador, cheio de emoção, para terminar o meu texto e cliquei lá em abrir, e quando abriu estava só o título, nada mais. Claro que cliquei em 'não', porque eu não queria salvar toda aquela porcaria de alterações. Nem sei o que aconteceu na minha cabeça! Mas foi assim! (René Gertz, 10/04/2013).

❑ O que me chamou atenção foi que na época, nós tínhamos um projeto pronto de reforma aqui do prédio cinco para trazer o programa de pós-graduação de História prá cá. Então o Projeto era criar um sexto andar aqui, porque na minha gestão nós fizemos esse espaço físico aqui

[da Secretaria, salas de Coordenadores e Direção], reformamos as salas de aulas, porque as instalações eram muito deficitárias. Então a ideia era concentrar os três programas de pós-graduação no quinto e sexto andar aqui do prédio cinco. Tinha um projeto para fazer 48 Gabinetes para professores, salas de aula e a proposta era fazer uma Secretaria única para todos os programas de pós-graduação. E para minha surpresa, foi uma reação negativa dupla: uma, as secretárias disseram que, em hipótese nenhuma, não queriam nem ouvir falar em trabalhar em uma Secretaria única. A reação foi terminantemente contrária. E os professores também, não fizeram nenhuma questão de vir aqui para o prédio cinco. Isso foi engraçado. (Thadeu Weber, 29/04/2013)

EIA: Vamos para a última pergunta, porque acabou o chimarrão.

❑ HGS: Certo. Então não pode ser coisa difícil! Bem fácil! Não pode ser pingue-pongue? (risos)

EIA: Então, só esse prédio já é uma particularidade, tem toda uma história!

❑ HGS: Inclusive no plano sobrenatural! Sobrenatural de Almeida. (risos)

EIA: A última pergunta é justamente...

❑ HGS: Tu lembra aquela figura de branco que nós vimos?

EIA: Pois é, a última pergunta é justamente sobre isso. Coisas inusitadas ou engraçadas.

❑ HGS: Tu lembra daquilo? Mais inusitado que aquilo impossível.

EIA: Eu lembro, mas prefiro que tu contes.

❑ HGS: Lembra? Estávamos nós dois... Em meados de janeiro... [Estávamos] do meio para o fim do [Relatório] Coleta, vai confirmando pra mim essa história. Era verão, fim de tarde, lusco fusco, ali no andar de baixo, ao lado da Secretaria. Mas, tu vais publicar isso? Nós não podemos (risos). Mas qual é o mais inusitado? Um homem de branco, estatura mediana, todo de branco, passou pelo corredor e entrou na sala da coordenação, enquanto nós tomávamos café. Os dois viram a mesma coisa!

EIA: Sim, os dois viram!

❑ HGS: Aí eu disse: Vamos lá ver quem é? Saímos os dois para ver quem era! Lembra o que foi aquilo ali?

EIA: É inesquecível.

☐ HGS: Histórias extraordinárias do PPGH. (risos)

EIA: Que momento! Porque ter uma visão, até tudo bem, agora os dois terem a mesma visão simultaneamente.

☐ HGS: A Carla também tem estórias para contar nesse campo aí! E foi entrando assim, não deu para ver o rosto, mas de perfil, passou e entrou ali.

EIA: E nós na salinha do café se perguntando: – Viu o que eu vi? – Eu vi, e tu! – Eu também! (risos)

☐ HGS: E corremos lá para ver aquilo e não tinha ninguém ali! Agora eu não sei se a gente pode falar disso aqui. Mas que *las hay, las hay!*
